

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
15 de dezembro de 2022

# TEMPOS DIFÍCEIS / 1988

Um filme de João Botelho

**Realização:** João Botelho / **Argumento:** João Botelho, a partir do romance "Hard Times" de Charles Dickens / **Fotografia:** Elso Roque / **Montagem:** João Botelho / **Direcção Artística:** Jasmim Matos / **Cenários:** Luís Monteiro / **Música:** António Pinho Vargas, interpretada por Paulo Farmhouse Alberto, Carolino Carreira, José Carlos Costa, António Melo, Paula Azguime, António Saiote, etc. (e ainda *Canon dodecafónico* de Igor Stravinsky interpretado por Alexandra Mendes, Clélia Vital, Jorge Lé e Vasco Branco) / **Figurinos:** Jasmim Matos / **Guarda-Roupa:** Virgílio Leitão, Paula Ferreira, Nadia Baggioli, José Faria, Jasmim / **Som:** Vasco Pimentel / **Assistência à Produção:** Cláudia Lopes, João Pedro Bénard / **Intérpretes:** Luís Lucas (Narrador), Luís Estrela (Tomazinho Cremalheira), Júlia Britton (Luísa Cremalheira) Isabel de Castro (Tereza Cremalheira), Ruy Furtado (Tomaz Cremalheira), Inês Medeiros (Cecília), Henrique Viana (José Grandela), Eunice Muñoz (Josefina Vilaverde), Lia Gama (Raquel), Joaquim Mendes (Sebastião), Isabel Ruth (mulher de Sebastião), Pedro Cabrita Reis (Júlio Vaz Simões), Pedro Hestnes (Bastos), Maria Alice Pereira (mãe de José Grandela), F. Cabral Martins (professor), etc.

**Produção:** João Botelho, Manuel Guanilho e João Pinto Nogueira para Artificial Eye Productions / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em DCP, preto e branco, 96 minutos / **Estreia:** 30 de Setembro de 1988 nos cinemas Gil Vicente (Coimbra), Amoreiras 7 e Quarteto 2 (Lisboa).

---

Sessão com apresentação

---

Terceira longa-metragem de João Botelho, **Tempos Difíceis** é uma adaptação e actualização (*updating*, diriam os ingleses) do célebre romance de Charles Dickens, *Hard Times, for These Times*, que veio a lume em 1854. Tanto o conteúdo como a data de publicação do romance de Dickens fazem pensar na obra colossal de Richard Wagner, *Der Ring des Nibelungen*, que estava a germinar precisamente nesta altura na mente do compositor alemão um pouco na sequência dos acontecimentos revolucionários de Dresden de 1849, sobretudo no que a tetralogia wagneriana tem de crítica ao capitalismo (isto se a interpretarmos na esteira de George Bernard Shaw). E esta reflexão vem duplamente a propósito do filme de João Botelho, porquanto a estética adoptada pelo realizador para exprimir o carácter desumano da grande indústria no seu espaço de eleição, ou seja, a fábrica, lembra a controversa encenação de Patrice Chéreau, em Bayreuth, do *Anel* dirigido por Pierre Boulez. Decidir até que ponto José Grandela (Henrique Viana) é uma espécie de Alberich e o Poço do Mundo (onde se situa a história do filme) algo parecido com o Nibelheim wagneriano é obviamente tarefa aliciante para os mais fervorosos apaixonados de Wagner e possivelmente motivo de enfado para os que não o são; no entanto, parece inevitável, para quem conheça o *Ouro do Reno*, a possibilidade de estabelecer uma relação entre o Prólogo da tetralogia wagneriana e o filme que veremos hoje. É pelo menos certo que, se José Grandela tivesse de escolher entre ter poder económico ou amor, escolheria, exactamente como Alberich, o primeiro.

Mas o ponto de referência principal de **Tempos Difíceis** não é evidentemente Richard Wagner, mas sim Charles Dickens. E Dickens, como sabemos, nunca fechou os olhos à degradação e crueldade a que o ser humano é capaz de reduzir o seu semelhante: isto tanto nos romances mais

“duros” como *Oliver Twist* e obviamente *Hard Times*, como naquele que será porventura a sua obra prima, *David Copperfield*, onde o percurso do herói passa, também, por uma paisagem humana que é praticamente o “Poço do Mundo” - isto apesar da atmosfera geral em que *David Copperfield* decorre ser mais otimista do que nos outros dois romances referidos. E no respeitante à relação entre o romance original de Dickens e o filme de João Botelho poder-se-ia, à partida, pôr algumas reservas relativamente à transposição da narrativa do séc. XIX para o séc. XX e de Inglaterra para Portugal, sobretudo porque, em 1854, a atitude predominante em relação à industrialização (obviamente não partilhada por Dickens) era precisamente contrária à que vigora nos dias de hoje. Mas se a nossa percepção da experiência humana vai sofrendo alterações ao longo dos tempos, a experiência humana em si permanece sempre igual a si própria, e é essa a grande força das modernizações (*up-datings*) de grandes obras de ficção do passado. Assim, no decorrer do visionamento de **Tempos Difíceis** as reservas acima referidas vão-se progressivamente evaporando; e quando deixamos a sala, não há qualquer dúvida de que o que acabámos de ver é profundamente, intensamente dickensiano.

Para tal contribui a narração *off*, pois a voz de Luís Lucas imprime frequentemente ao texto a ironia cortante que, como sabemos, é apanágio do estilo de Dickens (tom irónico esse que autores ingleses posteriores como P.G. Wodehouse, e através dele Evelyn Waugh, foram buscar a Dickens, elegendo-o como traço distintivo principal da sua técnica narrativa). As instâncias em que tal ironia avulta mais bem conseguida são os trechos da narração de Luís Lucas que dizem respeito àquela que será acaso a personagem mais dickensiana de todo o filme: Dona Josefina Vilaverde, ou “a Senhora Vilaverde”, uma escrava das circunstâncias (como ela se define a si própria), que se adaptou há muito à força que governa a sua vida. Um desempenho de Eunice Muñoz que ganha força à medida que o filme vai prosseguindo, acabando por vencer mesmo quem à partida não estava muito disposto a deixar-se convencer. A geração mais velha da família Cremalheira (Gradgrind no romance de Dickens) também consegue, nas pessoas de Isabel de Castro e Ruy Furtado, um tom bastante dickensiano, se bem que tenhamos de “dar o devido desconto” e repetir várias vezes a fórmula *mutatis mutandis* até conseguirmos estabelecer a ponte necessária entre Coketown de *Hard Times* e o Poço do Mundo de **Tempos Difíceis**. E dificilmente encontraríamos imagem mais dickensiana do que o plano em que João Botelho nos apresenta a criança Cecília com a sua caixinha de música que toca a “Réverie” das *Kinderszenen* de Schumann, contemplando com uma tristeza inefável a boneca bailarina que representa, no seu imaginário individual, o arquétipo da figura materna de que nem sequer se lembra.

Adam Barker, no seu artigo sobre **Tempos Difíceis** em *Monthly Film Bulletin* (Julho de 1989), observa que “a característica mais original do filme é o seu estilo, que é ao mesmo tempo a coisa mais difícil de descrever. Filmado, do princípio ao fim, num preto e branco ‘tipo’ chiaroscuro, utilizando uma iluminação predominantemente natural (mesmo em interiores), grande parte das cenas são intensamente belas”. Barker refere-se seguidamente à técnica do *tableau shot*, que dá ao filme um ritmo mais contemplativo do que frenético, como sucede tantas vezes nas narrativas de Dickens. No entanto, a maior parte das sequências é de curta duração, sendo a passagem de uma sequência a outra frequentemente operada por meio de planos algo expressionistas da desoladora paisagem industrial do Poço do Mundo, planos esses que recorrem, não raro, a uma noção de perspectiva propositadamente inquietante. O facto de o Poço do Mundo ser uma espécie de prisão é realçado, por exemplo, por dois planos iguais que ocorrem após o consentimento de Luísa em casar com Grandela e o despedimento do operário Sebastião (ao som de valsas da “Viúva Alegre” de Franz Léhar - de novo ironia cortante) pelo mesmo Grandela: trata-se de uma ponte, cujas grades em X (como em **Scarface**) proclamam inequivocamente a impossibilidade de libertação e/ou redenção. Daí o final, com o grande plano do rosto de Julia Britton, resposta à pergunta: “és feliz?”.

Frederico Lourenço